



Mulher de vinhos respondendo a homem de copos

Arménio Rego

Católica Porto Business School



“**O** amor tudo transforma, tudo faz, e não há lugares para homens, lugares para mulheres, há as pessoas certas nos sítios certos”. A afirmação é de Leonor Freitas, licenciada em Sociologia, a quarta mulher a liderar a Casa Ermelinda Freitas. Foi dessa forma que respondeu à primeira pergunta de André Macedo em “Tudo é Economia” (RTP3, 10 de abril). O jornalista perguntara-lhe como ela havia encarado a frase “grosseira” de Jeroen Dijsselbloem sobre o dinheiro “gasto em copos e mulheres”. À questão de ser uma mulher num mundo de homens, Leonor retorquiu: “Eu vim para os vinhos... porque de facto as gerações me passaram esse amor para eu poder optar, porque não era a minha vida, não fui preparada para vir para o mundo rural”. E quando André Macedo insistiu no tópico “copos e mulheres”, Leonor Freitas retorquiu: “Se calhar, ele também quando a diz sente-a de uma forma diferente do que nós quando a ouvimos. Portanto, para mim, de facto, é sempre difícil interpretar o que é que alguém quer dizer quando diz uma frase tão forte ... tão desleigante sim, ... enfim, eu até acho que é preciso, ao mesmo tempo, ter coragem para a dizer. Mas nós também temos que ter coragem para ouvir, refletir e aceitar o que outros pensam”.

A entrevista suscita várias reflexões. Primeira: reagir com amor a uma frase “infeliz” é mais sábio do que reagir com raiva. A raiva impede-nos de ver a perspetiva do outro. O amor facilita a compreensão do outro. Não precisamos de concordar com o outro, mas ficamos mais capacitados para compreender a sua perspetiva e aprender com ela. Segunda reflexão: na liderança, o amor conta. Neste caso, o amor aos vinhos está associado a um propósito geracional. Leonor não fora preparada para o mundo rural, mas sentiu o chamamento: preservar o legado da família. Herdou o amor por esse propósito. Não era a sua vida – mas passou a ser. Terceira reflexão: a liderança com amor tem potencial de eficácia. A Casa Ermelinda Freitas tem recebido centenas de prémios, nacionais e internacionais. Trabalho feito com amor (não amor piegas) é mais bem-sucedido porque cuida o produto, o serviço e o cliente. Gostamos de comida feita com amor. Apreciamos vinho feito com amor. Gostamos de uma conferência feita com amor. Quarta reflexão: poderíamos cair na tentação de supor que o amor na liderança é um atributo do universo feminino – e que o universo masculino é o da competição, da luta pelo poder.

Todavia, os homens também lideram com amor e capacidade de perdão. Mandela liderou nutrido por uma causa repleta de amor. Foi

capaz de perdoar e abraçar os que outrora o tinham votado ao degredo. Lincoln, que continua a ser amplamente admirado pelos norte-americanos, foi movido por um imenso sentido de empatia e amor aos seus semelhantes. A sua causa maior terá sido a abolição da escravatura e o resgate do respeito e da dignidade que todos os humanos merecem. Após a vitória na guerra da secessão, abriu os braços aos vencidos. O mundo empresarial é porventura menos atreito a esta abordagem. Mas a investigação mostra que existe nos líderes servidores e compassivos um enorme potencial de construção de boas equipas e boas organizações.

Um recente livro (Awakening Compassion at Work) de duas reputadas investigadoras, Monica Worline e Jane Dutton, é ilustrativo. Alan Mulally, que liderou a Ford depois de ter liderado a Boeing, usou a palavra “amor” mais de uma dezena de vezes numa entrevista concedida ao Journal of Management Inquiry (vol. 19, nºs 2, 2010), uma revista académica prestigiada. Desenhou quatro círculos interligados (família, trabalho, vida espiritual, e vida pessoal) e, no meio, escreveu: “amar e ser amado”.

Naturalmente, o amor a que aqui aludimos não é o amor “piegas” e incapacitante para a tomada de decisões difíceis. Aos líderes exige-se tenacidade, garra, capacidade de ir à luta – mas essas motivações não são incompatíveis com a virtude do amor. Mesmo com os nossos filhos, é o amor que nos leva, contrariados, a sermos duros com eles. Na liderança política, na empresarial e mesmo na desportiva, a relevância do amor duro não é menor. ◀

”

Trabalho feito com amor (não amor piegas) é mais bem-sucedido porque cuida o produto, o serviço e o cliente